

C'era Una Volta Il West... O Princípio da Trilogia da América

Apesar de ter sido um fracasso de bilheteria e muito criticado por ser longo demais, com 165 minutos de duração, “C’era Una Volta Il West” (“Era uma Vez o Oeste”), rodado em 1968 nos desertos de Monument Valley (EUA) e Almeria (Espanha), é considerado, hoje, um dos melhores westerns já realizados. Sérgio Leone, pela primeira vez, insere uma figura feminina como protagonista de um filme deste gênero (Claudia Cardinale) e, também, realiza as filmagens exteriores no território que, tipicamente, trouxe às telas as origens do modelo, antes muitas vezes filmados por John Ford, Sam Peckinpah, George Stevens, Robert Aldrich e outros.



No que tange ao título do filme, encontramos a tradução como “Era Uma Vez No Oeste”. Todavia, o correto é utilizarmos “Era Uma Vez O Oeste”, pois o filme retrata o “cantar do cisne” num gênero que foi exaustivamente tratado, numa época em que a ferrovia, ao chegar ao Oceano Pacífico, encerrava, de modo triste e cruel, uma época em que xerifes, bandidos, heróis, saloons, reinavam absolutamente.



Em síntese, Brett McBain (interpretado por Frank Wolff) é dono de terras em que passará a ferrovia, patrocinada por Morton (Gabriele Ferzetti). Este contrata o pistoleiro Frank (interpretado impecavelmente por Henry Fonda, aliás o primeiro e último papel em que faz um vilão) para “dar um susto” e fazer com que saia das terras. Porém, ocorre um massacre a toda a família (a cena em que o bando de Frank encara o filho mais novo de Brett – último sobrevivente – é de arrepiar, incluindo o música sinistra de Ennio Morricone completando o clima sombrio). Em seguida, surge a deslumbrante Jill McBain (Claudia Cardinale), ex-prostituta que tinha se casado um mês anterior ao massacre com Brett e, portanto, ainda dona das terras. Nesse meio tempo, surgem *Harmônica e Cheyenne* (Charles Bronson e Jason Robards encarnando, respectivamente, de forma fantástica o personagem). Harmônica carrega uma gaita (ou harmônica, como é conhecida), sendo que sua origem é desvendada quase ao final do filme, de modo surpreendente. Cheyenne é um foragido da lei que é acusado injustamente de ser o assassino dos McBain, por meio de provas forjadas no crime. Assim, os dois acabam auxiliando na busca de Frank e o duelo final entre Harmônica e ele é sensacional. Nota-se a clara inversão de valores atribuídos ao rótulo do “mocinho e bandido”: Frank, tem pele clara e olhos azuis – bandido; Harmônica, pele queimada de sol e feições indígenas – mocinho. Alusões inversas ao que o western americano preconizava em seus filmes.



Conforme palavras do próprio Leone, “o ritmo do filme pretendeu criar a sensação dos últimos suspiros que uma pessoa exala antes de morrer. Era Uma Vez O Oeste é, do começo ao fim, uma dança da morte. Todos os personagens, exceto Claudia Cardinale, têm consciência de que não chegarão vivos ao final.”

Em termos musicais, toda a trilha sonora foi concretizada antes das filmagens, algo raríssimo e que comprova a grandiosa capacidade compositora de Ennio Morricone. O tema principal é mundialmente conhecido, de uma sonoridade ímpar e romântica. No surgimento de Harmônica, onde o mesmo carrega sempre sua gaita, o som da mesma é executado na orquestra como o próprio representante do personagem, assim como o surgimento de Cheyenne dita um ritmo musical mais jocoso, sarcástico. Assim, o estilo operístico atinge níveis primorosos para os quatro integrantes da trama.

Interessante observarmos que, nos créditos iniciais do filme, não surge música alguma (apenas o silêncio, com alguns ruídos, como os ventos característicos das planícies empoeiradas e o barulho dissonante de um cata-vento necessitando de lubrificante). Essa inserção de elementos naturais e artificiais compondo a “trilha musical” foi inédita num western, sendo o silêncio rompido com a chegada do trem à estação.



Em suma, um filme obrigatório a todos os amantes do gênero e que retratou, de modo brilhante, o fim do Oeste, seja pelo esgotamento do tema, seja como pela própria alteração da paisagem, rasgada pelas locomotivas a vapor rumo ao Pacífico.

No próximo mês, abordarei o filme “C’era Una Volta La Rivoluzione”, também conhecido como “Giu La Testa” e “A Fistful of Dynamite”, que retrata a Revolução Mexicana, no melhor estilo zapatista. Até lá!

Fernando Luis Costa Lemos